

## Resenha

### Entre o Ser e o Estar: Trajetórias de um Projeto Político

Mariana Miggiolaro Chaguri\*

Tendo como ponto de partida o estudo do período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), o livro *Os Escritores da Guerrilha Urbana. Literatura de Testemunho, Ambivalência e Transição Política (1977-1984)* mostra-se denso e convida o leitor a refletir sobre forma literária, trajetórias pessoais e processos sociais envolvidos na transição política brasileira entre 1977 e 1984.

Escrito originalmente como dissertação de mestrado em Sociologia, o livro de Mário Medeiros da Silva revela grande originalidade ao tomar como objeto privilegiado de análise quatro romances escritos por membros da guerrilha armada que se empenharam na luta contra a ditadura: *Em Câmara Lenta*, de Renato Tapajós (1977); *O que é Isso, Companheiro?*, de Fernando Gabeira (1978); *Os Carbonários: Memórias da Guerrilha Perdida*, de Alfredo Sirkis (1980); e *A Fuga*, de Reinaldo Guarany (1984).

Tais objetos são investigados a partir do entrelaçamento de duas perspectivas: a da Sociologia da memória coletiva e a da Sociologia da literatura; dito de outro modo, a memória social e a forma literária são os dois eixos em torno dos quais gravita a tentativa do autor de equacionar a relação entre indivíduo e sociedade, norteando sua análise do itinerário do *fragmento de uma geração* que protagonizou parte importante da história recente do país e que se valeu do romance como *forma* privilegiada para reelaborar fatos reais, em uma tentativa de tornar inteligíveis as experiências concretas da guerrilha, da prisão e do exílio.

Refletindo sobre o caráter testemunhal dessas narrativas, o autor constrói o interessante conceito de *ficção política*, argumentando que a matéria narrada em cada um dos romances se articula em uma *estrutura narrativa com estatuto de verdade*, cujo teor testemunhal emerge justamente do entrelaçamento entre ficção e política. Longe de serem mentiras sobre fatos reais, tais ficções políticas revelam uma construção social cuja eficácia prática e simbólica é acionada para narrar, por meio de um relato literário, fatos e ações cometidas – e sofridas – por sujeitos historicamente situados.

---

\* Mestre em Sociologia, doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia IFCH – Unicamp. Pesquisadora do Centro de Estudos Brasileiros (CEB – IFCH – Unicamp).

O leitor atento logo notará que a utilização do conceito permite a Mário explorar o uso político e a construção literária dos testemunhos analisados, ou seja, possibilita demonstrar que elementos externos e internos formatam as obras, em um amálgama que permite que texto e contexto sejam explicativos, em mesma medida. O autor produz, assim, uma interessante análise sociológica da narrativa literária, desvendando as imbricadas relações entre processos sociais e sua formalização estética.

Ao se questionar sobre essas relações, o autor aponta a necessidade de precisar *quem* é o narrador desses romances. Nesse movimento, o leitor é apresentado a uma das mais originais interpretações do livro. Invertendo o espelho, Mário parte da narrativa para encontrar o escritor, segundo ele, um homem branco, adulto, de origem burguesa ou pequeno-burguesa, morador de grandes centros urbanos (Belém, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo), participe de momentos de transições históricas, culturais e políticas consideráveis.

Nesse sentido, o autor observa que, no interior de um grupo mais amplo, Tapajós, Gabeira, Guarany e Sirkis compartilham tempos, espaços e eventos comuns, contudo, apropriam-nos de modo singular. Tal nuance é formulada a partir das entrevistas feitas por ele com cada uma dessas personagens, exceção feita a Fernando Gabeira. A partir das entrevistas, Mário indaga quais são os pontos comuns na origem dessas memórias (para além da identidade guerrilheira/militante), revelando ao leitor não apenas as origens sociais dos escritores, como também os espaços sociais que alimentam suas memórias (posição dentro da organização guerrilheira; profissão; atividade), bem como os lugares de produção social que possibilitaram que tais romances se concretizassem (editoras e editores, momentos e situação de escrita).

Trata-se, então, de analisar a conformação entre as obras e a trajetória pessoal, uma vez que ex-guerrilheiros começam a se dedicar, em presídios ou no exílio, à construção de narrativas de estranhamento ou de adaptação a uma realidade diferente daquela imaginada quando do início da luta armada. Curiosamente, essas narrativas serão justamente a porta de entrada, bem ou mal sucedida, na realidade brasileira do final da década de 70, quando retornam do exílio ou deixam a prisão. Como argumenta o autor, a reinserção social desses ex-guerrilheiros na sociedade brasileira ocorre por meio da figura do escritor.

Aprofundando seu argumento, Mário observa que essas trajetórias reverberam nas narrativas, as quais, por sua vez, seriam marcadas por uma ambivalência de:

poder situar-se com um pé no passado – a ser criticado, por vezes negado, por vezes reafirmado [...] e outro, no presente social, em que a narrativa das memórias de uma década e meia anterior servirá como porta de entrada, chave-mestra, senha para decodificação de novos processos sociais conduzidos por novos atores sociais (SILVA, 2008, p. 109).

Já a chave-mestra do livro é justamente esta: o constante diálogo entre trajetória e narrativa, de modo a construir uma interpretação capaz de tornar inteligível um sujeito histórico atado ao passado, mas com olhos fixos no presente. Tal ambivalência, como demonstra Mário, ganha materialidade no narrador dos romances.

Retornando ao narrador, Mário Medeiros da Silva observa que o de *Os Carbonários* é oscilante, repondo insistentemente a questão da suposta traição da classe de origem. Já a ambivalência de *O que é Isso, Companheiro?* apareceria na própria construção da narrativa, espécie de roteiro geográfico da reflexão de Gabeira, que tenta apresentar as mediações pelas quais passou no exílio, mostrando o caminho percorrido até a autocrítica; ambivalência que, afinal, marca narrador e narrativa, autor e processo social.

*Escritores da Guerrilha Urbana* atenta, ainda, para o fato de os romances terem sido bem recebidos pela crítica, atingindo grandes vendas, especialmente na primeira metade da década de 80. Exceção feita a *Os Fornos Quentes* e *A Fuga*, de Reinaldo Guarany, o escritor menos lido e menos criticado no país.

De acordo com Silva, Guarany é dono de um estilo despojado, às vezes zombeteiro, que pode ser visto como um ocasional excesso de sinceridade pessoal ou como uma máscara literária acionada para narrar suas experiências e a de seus companheiros; estilo que, atrelado a certo descompasso histórico – especialmente do romance *A Fuga*, cuja publicação data de 1984 –, teria limitado o espaço de circulação das obras e do escritor.

Cabe indagar, como hipótese, se o público leitor, mesmo receptivo às memórias dos ex-guerrilheiros e à reconversão social destes como escritores, não teria sido seletivo quanto ao conteúdo narrado; dito de outro modo, o público leitor procurou reconhecer certa moralidade do compromisso (CF. BASTOS & REGO, 1999) nesses escritores e em seus narradores, ambos devendo percorrer suas memórias em busca de erros e acertos; busca esta que parece estar na base da construção, por exemplo, de *Em Câmara Lenta*, livro escrito em 1973, no Presídio Tiradentes, onde Renato Tapajós cumpria pena por sua vinculação com a Ala Vermelha.

A obra foi gestada em discussão coletiva com companheiros da cela, no bojo de uma reflexão coletiva da organização, que envolveu membros presos e soltos. Por meio de um sólido trabalho de pesquisa, Mário Medeiros da Silva conta ao leitor que o livro saiu da cadeia em “papelotes envoltos em plástico depositados sob a língua de parentes e outras visitas que se encontravam com Tapajós” (SILVA, op. cit., p. 62) e revela alguns documentos inéditos sobre o “caso Tapajós”, entre eles, o parecer escrito por Antônio Candido sobre *Em Câmara Lenta*, apresentado como laudo técnico de defesa de Tapajós no processo em que o livro foi censurado, e o autor, preso.

Riqueza documental, análise sociológica arguta e narrativa bem construída. Articulando esses três elementos, *Os Escritores da Guerrilha Urbana* possibilita ao leitor perceber o lento e contínuo processo de fabricação da memória e do esquecimento em torno do período da ditadura civil-militar brasileira. Ao leitor atento o livro possibilita, ainda, compreender os diálogos possíveis entre literatura e sociedade.

## FONTES CONSULTADAS

BASTOS, Elide Rugai; REGO, Walquíria L. (Orgs.). *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'água, 1999.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?* São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

GUARANY, Reinaldo. *Os fornos quentes*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

\_\_\_\_\_. *A fuga*. Rio de Janeiro: Editora Betram, 1984.

SIRKIS, Alfredo. *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*. Rio de Janeiro: Editora Global, 1994.

SILVA, Mário Augusto Medeiros. *Os escritores da guerrilha urbana. Literatura de testemunho, ambivalência e transição política (1977-1984)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.

TAPAJÓS, Renato. *Em câmara lenta*. 2a. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.